

PROTOPOETAS E ORGULHO DA INFLUÊNCIA

Ademir Demarchi

Conforme certos temas propostos pelo Colóquio, especialmente a questão da relação dos poetas atuais com modelos canônicos de poesia no Brasil, vou tentar expor, de forma prática, algumas observações feitas a partir da experiência de 2 anos de edição da revista *Babel*, que me colocou em contato direto com muito do que se produz atualmente de poesia no país, revista que, também, em seu número 3 (set/dez/2000), procurou realizar um registro possível de reflexões sobre a questão do cânone, com depoimentos de poetas, críticos e editores.

O recebimento de livros e textos inéditos, a leitura de livros recentemente publicados, o contato com os poetas, de certa forma confirma a constatação corrente, aceita de forma quase generalizada, de que a poesia que se produz contemporaneamente no Brasil sofre o peso da herança deixada principalmente pela Geração de 45, por Mário de Andrade, Oswald, Drummond, João Cabral e a Poesia Concreta. E isso é tão cabal que aqueles que não estão procurando um diálogo, um desdobramento dessas poéticas, em busca de se diferenciar, estão ignorando-as, pode-se dizer por náusea até, porque é um espelho horrível esse que está aí para as novas gerações olharem e suplantarem em busca de uma dicção distintiva.

Definições recentes desse confronto têm dado aos novos poetas a pecha de serem meros epígonos ou diluidores, na expressão de Alfredo Bosi (*O Estado de São Paulo*, 16/9/2000); ou fabricantes de grife, no caso de Iumna Maria Simon, para a qual os modelos canônicos se transformaram justamente nisso, em grifes, vestidas pelas novas gerações (*Novos Estudos CEBRAP* 55, nov/1999) ou, ainda, numa observação mais recente, como a de Paulo Franchetti na *Babel* 4 (jan/dez/2001), lançada neste evento, que assinala a existência de proto poetas, ou seja: do confronto com essas heranças, transformadas em “grifes”, gerou-se uma curiosa diluição das linguagens poéticas, produzindo-se uma mescla de baixa tensão que resultaria em poetas com linguagem surgida do amálgama de dois ou três outros poetas canônicos. Essa conclusão de Franchetti deu-se após a leitura de livros recentes de poetas que têm conseguido certa distinção, ou seja, o *mineiro* Ricardo Aleixo, o *paulista* Cláudio Daniel e o *paranaense* Ademir Assunção, para usar a descrição de sabor regionalista do

Suplemento Literário Minas Gerais, onde foi publicada a resenha (nº 76, outubro/2001). No caso desses poetas haveria, segundo Franchetti, “uma mistura de Cabral, irmãos Campos e Leminski, em doses variáveis”, também presente nas recentes antologias *Esses poetas* (Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998), de Heloísa Buarque de Hollanda e *Outras Praias* (São Paulo: Iluminuras, 1998), de Ricardo Corona, resultando nesse protopoeta de fraca dicção.

No caso de Ademir Assunção, que li, há, de fato, em sua linguagem, certa identidade com a de Leminski, do qual, além de ter sido amigo, é árduo defensor. Essa semelhança se dá sobretudo pela busca consciente da musicalidade, que transforma muitos dos seus poemas em letras de música, inclusive gravadas em CD por músicos como Itamar Assunção, Edvaldo Santana, Madan e outros, e que permite leituras públicas cadenciadas em eventos que têm se multiplicado nos últimos anos. No entanto não vejo nessa poesia mais recente (*Zona Branca*, São Paulo: Altana, 2001) mera diluição pois sua linguagem se destaca sobretudo por uma postura inconformista com a sociedade, a cultura e a política, que é um diferencial na cena poética contemporânea, de certo modo conformada, para não dizer, em muitos casos, alienada, fator esse que tem tornado sua expressão distintiva nesse cenário.

Quanto à onipresença de Leminski, de fato é um problema. Em antologia recente que preparei de poetas contemporâneos do Paraná, por encomenda da Imprensa Oficial daquele Estado, um dos critérios que acabei por definir para as escolhas foi o de que, para ter uma cara, aquela antologia deveria ser *contra* Leminski, tal a sua influência em muitos dos poetas que li. Sendo assim, um critério básico foi ignorar todo e qualquer poema assemelhado a haicai, evitando, também, tanto quanto possível, poemas que lembrassem demais a dicção de Leminski, até mesmo para colocar essa discussão em pauta para os antologizados.

Essa onipresença de Leminski, se nacionalmente chega a ser um problema para muitos, no Paraná, então, onde nasceu e viveu atuando de forma marcante nos meios de comunicação e culturais, chega a ser um obstáculo. Ricardo Corona, que editou até recentemente os dez números da revista *Medusa*, em entrevista disse que, a si próprio, como poeta, se quisesse construir uma obra poética característica, só restava a possibilidade de escapar do modelo presentificado por Leminski. Sendo assim, buscou forte inspiração no simbolismo, movimento poético que foi também muito forte no Paraná, na época em que se deu, para fazer uma leitura curiosa da contemporaneidade, com linguagem marcadamente plástica e tensa pelo vocabulário precioso, através do

qual, ao mesmo tempo em que ilustra uma paisagem filtrada pelo olho, sugere uma alucinação filmica, conforme os poemas de *Cinemaginário* (SP, ed. Iluminuras, 1999). No caso de Ricardo Corona, portanto, a fuga de um modelo forte como Leminski o levou a outro, a herança simbolista que, aplicada a um olhar contemporâneo, deu um resultado interessante e apontou um possível caminho para o amadurecimento de sua poética.

Sob outro aspecto, a relação de muitos poetas contemporâneos com modelos canônicos tem sido por demais cordata, caso de alguns naquela antologia de paranaenses, a ponto de permitir-se chegar a uma síntese como a que chegou Paulo Franchetti em entrevista na mesma *Babel* 4, que parece uma piada. Disse ele, parodiando o livro de Harold Bloom, que a relação de muitos poetas com modelos canônicos eleitos tem gerado não a angústia da influência, mas o seu oposto *orgulho da influência*.

É o caso, divertido, por exemplo, de Luiz Roberto Guedes 1, que escreveu uma série de poemas em homenagem derramada a Mário de Andrade, cujo título é *Mariogames*, a ser publicado numa próxima *Babel*. O autor apresenta esses poemas dizendo o seguinte:

Mas os Mariogames... Serão Mariogramas genuínos? Caso de possessão por mariolatria desvairada? Ou só compulsão descarada de materializar a máscara, mimetizar a voz, um mood, uns tons e timbres entre os “trezentos-e-cincoenta” do Multimário de Andrade? O caso é que hoje em dia essas incorporações não têm nada de extraordinário ou original... Pois quando que escrita mediúnica primou por ser única e original? O espírito da coisa é arlequinagem por amor a Mário. Visitação do fantasmário. Louvação do Mário vivo. Vivomário!

Também um outro escritor, que tem se destacado pela publicação de vários livros de ficção e obtenção de prêmios e também pela edição de uma revista, a *Iararana*, em Salvador, na Bahia, Aleilton Fonseca, publicou no número 3 daquela revista, de maio/2000, um poema cujo título é quase idêntico ao de Mário de Andrade e a ele dedicado: “A meditação sobre o Tietê”, de Mário de Andrade, virou “Meditação ao Tietê” e, quando se poderia esperar uma paródia, tão ao gosto dos modernistas, que medisse forças com o singular poema de Mário, o que temos em Aleilton Fonseca é

1 Luiz Roberto Guedes nasceu em São Paulo em 1955. É redator publicitário, jornalista, tradutor, letrista. Publicou *Calendário Lunático — Erotografia de Ana K*, em português/italiano, pela Edições Ciência do Acidente (2000). Em parceria com Claudio Daniel traduziu *Geometria da água*, do cubano José Kozler, parcialmente publicado na Coleção Memo do Memorial da América Latina, SP, 2000. Tem poemas publicados em *Babel*.

uma reescrita condensada, contida mesmo, e em versos bem mais curtos, em que até o tom melancólico é reproduzido, numa homenagem espelhada:

Águas do Tietê,
no jorro de tuas nascentes:
melhor ficassem paradas
em teus reflexos afluentes.
[...]
Águas do Tietê,
onde me queres levar?
— teu traçado e teu destino
não se casam com o mar...
[...]
Há remédio mais perfeito
do que apenas uma lágrima,
se todos chorassem em teu leito,
lavando tuas águas da mácula.
[...]
Te olho e não me vês, assim
em vão, corpo cego de águas:
em verso te afogo em mim,
em ti me afogo em mágoas...

O tom por demais recatado e de homenagem aderente coloca o “Meditação” de Aleilton Fonseca em desvantagem a Mário; já Luiz Roberto Guedes, graças à jocosidade com que encara a missão de ter que homenagear Mário de Andrade, consegue, se não superar o modelo, pelo menos corresponder em algo à poética em que se inspira. No entanto, em relação a Mário ainda, nada há contemporaneamente como *Paranóia*, de Roberto Piva, que supera com grandiosidade o modernista prestando-lhe homenagem à altura e criando um livro de poemas que é um dos melhores da década de 1960, nada deixando a dever àquele com o qual dialoga.

Outro aspecto de tentativa de distanciamento de modelos canônicos brasileiros pode ser encontrado no trabalho de dois poetas que têm aparecido em *Babel* e cujo trabalho julgo interessantes: Paulo de Toledo ² e Mauro Faccioni Filho ³. Ambos partem de Homero para elaboração de uma obra poética bem característica. No caso de Paulo de Toledo refiro-me sobretudo a um poema de denso trabalho de linguagem, cujo título é “Musa em fuga”, publicado em *Babel* nº 2 (maio/agosto/2000), que em apenas 4

² Paulo de Toledo nasceu em 1970 em Santos/SP, onde vive atualmente. Publicitário, cursou durante 3 anos a Faculdade de Letras da USP, onde venceu o V Projeto Nascente, na categoria poesia. Publicou poemas e ensaios nos sites *Esquina da Literatura*, *Tanto*, *Plural Web*, *Revista A* e *Pop Box* e na revista *Babel*.

³ Mauro Faccioni Filho nasceu em Maringá/PR em 1962 e reside em Florianópolis desde 1980. Formado em Engenharia Elétrica, com doutorado nessa área, realizou vários curtas-metragens e vídeos. Publicou em 1998 o livro de poemas *Helenos* pela Editora Letras Contemporâneas e é co-editor da revista *Babel*.

páginas praticamente faz uma síntese da *Odisséia* sugerindo ser essa a leitura possível para um leitor midiático contemporâneo. Ainda que Homero seja a fonte, essa escrita somente foi possível pelo viés de leituras como a do *Finis mundo*, de Haroldo de Campos, que é o modelo de linguagem de que se parte para chegar a essa síntese que é “Musa em fuga”, sem certas empedradas verbosas típicas de Haroldo de Campos, daí sua excelência como possível superação do modelo.

No caso de Mauro Faccioni Filho, se em *Helenos* o modelo inicial é Homero e a cultura grega, isso ocorre apenas como metáfora para designar a vida contemporânea, pois ele reapropria-se apenas aparentemente das formas clássicas e seu imaginário. Em *Helenos* a tradição grega é transformada numa somatória de signos usados numa linguagem marcadamente performática, que vai, aos poucos, no decorrer do poema, transformando-se e se contaminando dos traços da atualidade até chegar a uma dicção medida e racionalizada que tem desdobramento diferenciado no seu novo livro em preparo, em que erotismo e incomunicabilidade se combinam para representar a condição de “duplo dublê” do homem contemporâneo.

Outro caso de relação com modelos canônicos, de forma tensa, é o de Marcelo Sandmann 4. Em *Lírico renitente* (7 Letras, 2000), esse poeta inicia uma série de cinco poemas nos quais se destaca a concisão e o apuro formal que, associados, se traduzem em visível e marcante contenção. O modelo inspirador, que logo vem à mente do leitor como sugestão, acaba por imediatamente se explicitar no sexto poema, sintomático no livro, por ser um nítido divisor de águas para o autor, ao mesmo tempo em que é sintomático dos dilemas que pairam sobre quem se propõe a escrever poesia no Brasil hoje. Mais que palavras definitórias, as práticas de “concisão” e de “apuro formal” como que têm dono e nem precisa muito para logo se saber que se está tratando de João Cabral de Melo Neto. O sexto poema do livro, portanto, leva o sugestivo título de “O Engenheiro Embriagado” e é explicitamente dedicado a João Cabral. Como disse antes, o poema é um divisor de águas no livro, pois depois da rigidez contida dos poemas iniciais, o poeta apresenta o poema como um conhaque em que, embriagado, se assume “irregular com/ todo rigor, // desregradamente lúcido, // calculadamente im-/ perfeito.” E em seguida apresenta poemas mais relaxados, afins com a proposta-título do livro, de

4 Marcelo Sandmann nasceu em Curitiba em 1963. É professor de Literatura Portuguesa e doutorando na Unicamp. Lançou em 1998 o CD *Cantos da Palavra* (Independente), com parcerias com Benito Rodriguez, interpretações de Silvia Contursi e produção musical de Paulo Brandão. Em 2000, publicou pela Editora 7 Letras *Lírico renitente*, com poemas escritos de 1987 a 1999. Tem poemas publicados na revista *Babel* nº 4 e ensaio na revista *Sibila* nº 1.

ser um “lírico renitente”, como que abandonando a tensão do confronto com o modelo canônico de João Cabral, ou como que chegando à náusea do modelo escolhido. A poesia de Marcelo Sandmann é particularmente exemplar quanto a essa questão do confronto com modelos de linguagem, pois tem justamente procurado se firmar a partir de leituras explícitas de Leminski, José Paulo Paes, Dalton Trevisan ou o já mencionado João Cabral.

Essa tensão, motivada pela relação com os cânones, acaba por criar uma situação de estagnação das linguagens poéticas, o que tem motivado a busca de renovação dos modelos. Sendo assim, os escritores têm feito um esforço de ler e, mais que isso, dialogar com escritores de outras tradições, línguas ou nacionalidades, transformando esse esforço em labor tradutório de poemas que, em vários casos, tem sido nas duas mãos, fato que tem sido imensamente facilitado pela possibilidade da troca de e-mails e da internet, que permite o acesso a conteúdos.

Para isso, as revistas de poesia têm ocupado um papel fundamental na medida em que têm dado espaço a esses esforços tradutórios, dando-lhes um sentido prático através da publicação, que estimula sua continuidade e dá sentido ao diálogo e à troca. Para ficarmos apenas nestes últimos anos, tivemos o esforço empreendido pela revista *Medusa*, que publicou entrevistas e traduções de poemas de norte-americanos como Gary Snyder ou Jerome Rothenberg, do qual se divulgou aspectos da etnopoesia. É também o caso de *Babel*, que desde o primeiro número vem registrando as trocas havidas com poetas atuantes em outros países, publicando traduções e originais: foram os casos dos franceses Benoît Broyart e Christophe Manon, do norte-americano Jeffrey McDaniel, dos argentinos Marina Mariasch, Martin Garcia, Romina Freschi e dos uruguaios Reynaldo Jimenez e Mónica Saldias, do angolano/canadense Paulo da Costa, do indiano que vive no Canadá Rajinderpal S. Pal, do mexicano Gabriel Bernal Granados, dos cubanos José Kozer e Rodolpho Häsler e, de forma ainda mais expressiva, dos poetas eslovenos Josip Osti e Iztok Osojnik, traduzidos por Mauro Faccioni Filho a partir de contatos estabelecidos que levaram à viagem até a Eslovênia, para participação num festival.

Entretanto, talvez os casos mais expressivos e aprofundados dessa tentativa de renovação de linguagem estejam nas revistas *Inimigo Rumor* e *Sibila*; a primeira iniciou uma troca com poetas portugueses, que passaram a ser divulgados no Brasil — o caso mais interessante é o de Adília Lopes, cuja voz soa originalíssima nesse nosso cenário; a repercussão desse trabalho da *Inimigo Rumor* é patente, pois resultou na sua própria

transformação, passando a ser editada simultaneamente no Brasil e em Portugal, com dupla editoria e dobrando tiragem e número de páginas.

No caso da *Sibila*, com o segundo número recentemente lançado e significativo conselho editorial, sobressai o trabalho de Régis Bonvicino, bem conhecido, que levou a uma troca intensa, em duas mãos, com poetas norte-americanos⁵. Esse contato com outros escritores, essa busca pela renovação de linguagens em Bonvicino, produziu uma implosão da voz lírica conquistada durante um período de experimentação pós-concretista levando à sua atual dicção “rarefeita, extremamente fragmentária e elíptica”, como muito bem observou o poeta Luis Dolhnokoff na segunda edição de *Sibila*.

É expressivo também o caso de Josely Vianna Baptista, talvez a mais importante tradutora de latino-americanos no Brasil, com quase 50 livros traduzidos, prêmios pelo trabalho, além de dezenas e dezenas de poemas traduzidos e entrevistas feitas, publicados em periódicos, inclusive numa página que elaborou, a *Musa Paradisiaca*, que circulou em jornais do PR e SC. Esse esforço logicamente tem levado à divulgação de sua própria obra poética fora do Brasil, através da publicação de várias antologias, algumas em parceria com Régis Bonvicino, ou de livros próprios, como é o caso de *Poros Floridos*, que saiu no México em tradução de Reynaldo Jimenez e está em trabalho de tradução final para sair nos Estados Unidos.

Há também o caso do poeta Floriano Martins, que edita as revistas eletrônicas *Agulha* e *Banda Hispânica*, com expressivo trabalho de divulgação de escritores da América Latina, com livros e antologias publicados.

É provável, também, que tenha sido a busca por novos paradigmas, em fuga da estagnação canônica na Argentina, que tenha levado a revista *Tsé-Tsé*, através de Reynaldo Jimenez, a realizar interessante e expressiva antologia de poetas contemporâneos brasileiros, intensificando a troca, a ponto de seus editores já terem vindo ao Brasil para lançamentos e leituras de poemas e um deles, Reynaldo Jimenez, além de ter poemas traduzidos em vários veículos, figurar até mesmo como membro do Conselho Editorial de um, como é o caso da *Sibila*.

Por todos esses motivos, ainda que haja mesmo o peso dos referidos cânones sobre os novos poetas, são indiscutíveis os esforços no sentido da sua renovação, assim

5 Veja-se os livros publicados *Robert Creeley — O cesto de peixes*. Sel. e trad. de Régis Bonvicino (Fund. Memorial da América Latina, 1996); *Duetos — Charles Bernstein/Douglas Messerli; Norma Cole/Guy Bennett*. Trad. e Introd. Régis Bonvicino (Ed. UEPG — Museu/Arq. da Poesia Manuscrita, 1997); *A um — Poemas — Robert Creeley*. Trad. e org. Régis Bonvicino (Ateliê Editorial, 1997); *Cadenciando um-ning Um samba, para o outro — Michael Palmer/Régis Bonvicino — Poemas, Traduções* (Ateliê, 2000).

como das linguagens poéticas, sendo pouquíssimos os que estão conseguindo algum grau de originalidade; à grande maioria desses novos escritores atuantes, parece-me que não está clara a questão da necessidade de busca de uma dicção própria como forma de superação dos modelos, pois há uma generalização do decalque, da busca por reconhecimento acadêmico (que em muitos claramente aponta o desejo de ocupar uma cadeira na ABL, uma vez que até já se ocupa uma cadeira da academia local...) e sobretudo há um baixíssimo grau de insatisfação, de rebeldia e insolência que engrandecem a poesia, sobretudo em momentos de estagnação como este.

ANEXOS

Futilidade, civilização...

Noite de intensidades intermitentes...

Certezas de beleza tremulantes...

Futilidades multicoloridas...

Tempestade de sinais radielétricos

No espinhaço da Paulista!

Megaburgo acende seus nirvanas de neon

E fornece mil sensações sob encomenda...

Euforizações! Califórnia eletrônicas!

Copulações telefônicas! Disque Imaginários!

Japoneses comendo pizza...

Moçada se rindo pra hamburgers...

Ou serão megaburgers? Macche!

Sanduíches com nomes de bairros... Garçom!

Me vê um Barra Funda, por favor.

Custa quanto? Trezentos e cinquenta? Quá! Quá! Quá!

Um mendigo moço petisca no saco de lixo na calçada...

Ninguém não vê...

Nostracity dança frenética

As últimas noites do século

E estala o látigo do tempo

Sobre todo lombo...

Mas toda noite a tevê vem vestir os nus...

Nada de novo sob o pico do Jaraguá...

Custa muito aprender o gosto

Do que é humano, seu mano!

(De *Mariogames*) *Luiz Roberto Guedes*

Musa em fuga

ponto de parto ida em busca de um canto perdido impelido por uma vela que chama vento ponto pacífico atlântico índico quatro cantos e sete mares de mundos e fundos onde o aedo dá adeus ao éden do seguro porto do nada sempiterno da vida em terra firme dos trabalhos e os dias e a vela segue sangrando os mares nunca dentes só planícies às vezes caninas ondas porém onde deveria pérola só se vê parques mas nunca dantes nem homeros só um pobre diabo em ponto de abulição sobre mares infestos de aves e feixes de nadas nados de ondas espumantes de chã sina onde apanha o poeta a embriaguez necessária para néscio seguir adiantando ou não a vela alva asa de albatroz vaga lembrança de campo vasto de algodão em dia de vento arrasta o cantor mudo à procura da voz perdida em algum ponto de uma foz mudada e nunca mais achada e a cura é a musa esquiva telenguiado ponto de interrogação oculto entre frases marulhentas contudo o vate vai ao enalço da sereia calçado em suas asas de cera da imaginação e do desespero apontando sua popa ao nada líquido inserto todavia despona ourivesaria desnorteadora de heliotrópios as melenas mareantes da sereia e a vela alveja o ar almejante a restituir a alma vagante do poeta em algum ponto equidistante entre o vasto e o vazio e os olhos dele seguem a silhueta dela rasgando as águas escamoteando-se entre recifes sirtes estrelas seguida de delfins em coorte nobre constelação a zombar do pobre vate entrevado em seu desencanto desterrado de seu canto mas a musa qual água entre cílios escorre da vista do aedo e o vento cessa e a vela antes panda agora parada ponto de reverência na imensidão azul inflama a angústia afônica dele e o sol moenda com molares a mascar o imo do poeta dá tons rubros ao marulho engulhento e o lastro-rei incinera na boca do aedo moedas falsas para o pagamento no cocito ergo sum de seus pecados capitais mas ele escravo do desatino escreve suas linhas tortas do destino com seu sangue brotando sob o látego de hélios e faz da dor um doce fado e se é doce morrer no mar é fácil adivinhar que quem proteu regalou-se entretanto o poeta teima em sua toleima e aguarda findar o resguardo do vento para dar prossecução à sua perseguição contudo o sol solapa a potência do poeta aos poucos e o eidos lasso já se enforca nas cordas trágicas do provável desenlace porém o vento volta e a vela põe-se a levar um sopro de futuro este furo entre o nado e o ponto contudo a sereia torna à vista deslumbrante a qualquer das maravilhas ombreante risca o mar mecanicamente qual barco a motor enquanto ele segue seu risco de morte terminício do jogo ponto em dado leitor de frases imprevistas em fado gozo do inesperado ele atormentado cérebro cinza como o céu que o vela navega com os olhos tentando sem isca fisgar tal feixe de sonho

e ora orca envasando todo o mar rocha móvel ebânea noite úmida a varar os olhos dos sóis sobre as vagas baila a baleia o balé da batalha e o aedo ante tal medonha mancha marcial sempre-pontoso avança brioso seu frágil brigue de um só mastro movido a astros e vai pontudo arremessar-se contra seu destino apesar de atinar que o confronto contra tal animal findaria em seu finamento todavia à toda vela varou o varão cantante o vidro verde e a rocha esguichante retinto arcobaleno apercebendo-se da valentia do poeta pareceu rir mostrando seu mordente Recife de corais brancos porém ele apontando o nariz da nave ao alvo negro segue sequioso do fim mas uma onda ergue-se sob o barco erigindo o vate sobre o nigérrimo cemitério marinho agora atlântida submersa e vagamente subvertida então busca nos céus uma resposta em meio aos escarcéus contudo acha-se só e mau acompanhado de desenhos de nuvens alvos mares voláteis e a voz não volta porém desponta nos seus ouvidos um olvido grito atroz mas o aedo mira o alto e num sobressalto depara-se com o inusitado uma revoada de ferozes albatrozes móbil dique a abarcar o céu dirigindo-se contra a nave kamikassas albardando o vate com seus brados marciais todavia ele vela em riste encara o comboio volátil e joga-se no tabuleiro branco e alvo prisioneiro do seu destino enxadrista analmabeto nas regras do jogo e os albatrozes tombam e o poeta títere das vagas ponto de intersecção entre nefastos meridianos ante a ameaça do naufrágio recolhe a vela e aguarda o móbil dique pôr a pique sua frágil fragata entretanto quando estavam a ponto de entrechocarem-se quando a peleja em pleno pélogo parecia consumada os pássaros mudam o rumo e sobrevoam a capitânia cabeça do aedo e criam uma borrasca sobre a nave de fezes em branco e preto tabuleiro aéreo no qual ele desenxabida besta de xácara é peça tombada xaveco em xeque e com o coração na ponta da vela o vate salvo por um riso do destino salta as ondas nada-ouvidos para o calado e sua língua morta é só sal de muda salabórdia língua-doca língua-doc oxidado feéretro ferrugem cariendo o dantes da memória só sobrando o hálito do porvir nos panos pandorgados e ele enxerga chispando sobre o turvo espelho de netuno a musa em fuga desfilando na aquarela seus fios de ouro rapunzol pescando os olhos gemebundos do pontífice da demência e o vate vai e vê avante brotarem do pélogo cristais brancos friíssimos pespegos gelando as vísceras do poeta todavia ele vai e a sereia esmeralda esmerada em esmorecer seu esmoler atira-se entre as geleiras como a comandar o rebentar das gélidas setas que despontam com fúria da fissil superfície pedras de roseta abcenário para o poeta transladar mas ele marcha marco apolo veneta mirando entre as venezianas de aicebergues a venérea sereia vascolejando a moringa do vate contudo a nave ginga entre os dentes de gelo tão qual

hálito vai como se fora ali seu habitat como se fora a língua daquela pelagônica bocarra comida esperada mas fugidia todavia a nave ginga língua solta na ponta da vela íngua no céu da boca do pélagio tráfugo prato principal fruto do mar velado pelo véu paladino do céu e o barco ginga e as alvas presas perseguem a língua feérina incisivas em soçobrar o frágil casco e os caninos sobre as cãs vagas laboram um labirinto sem ponto de fuga entretanto a nave não capitula e faz da esperança seu fio de ariadne e o labirintodonte encerra o barco no fissil fosso de sua mandíbula confabulando com a noite monoculunar como fazer da rotunda face do mar a tumba final para a infatigável nave entretanto ignorando o cretino conluio entre noite e oceano o veículo volante do vate ginga entre os dentes raios de lua congelados e quando o labirinto já parecia ter-se tornado o derradeiro lar do poeta ele elabora a fuga com a ajuda do fúlgido olho da noite que projeta uma via-lácqua de luz perpendicular na face do pélagio e o arceiro poeta percebe a dádiva oferecida pelo farol celipotente e avança pelo veio selênico até escapar do desditoso traslado dedálico e o vate sonado tomba ele ex-sonar captor de submarinas sonâncias ora sornado sócio de marinas up-to-date contudo ele sonha e nos desvãos dos devaneios veio-lhe a senha um beijo na sereia porém a rosilíngua da aurora gritou-lhe na íris e o aedo acorda sabendo de cor o tato de tal ósculo e escuta nas volutas das vagas risos de delfins e mais ao longe a loura tecedura falange de fios de sóis que sói tornar-lhe a ele soez ponto neste teatro vago e os delfins estrelas marinhas varando a cortina dágua e rindo na ribalta ante o velejador a baixo pano anunciam o último ato ao vate castrado canário canastrão que avista entre atóis de albatrozes o palco ponto de exclamação totêmico para arritméticas tabuadas onde só dali daria o adiante e sereno vai ao encontro da sereia deparar-se com o irremediável e ela com seu anfíbio corpo ambíguo alcança a imponente rocha lança netuniana a lancinar a face das águas e inicia a subida e o vate faz do sopro de vida que lhe resta o vento que arrasta a nave até a grande pedra de roseta do seu destino e ele chega ao pé da pedra sobe os degraus escalado pelos deuses para o desafio de desfiar o fado dos seus pares mas ele desafinado vate mal pode suportar o peso de seus fardos e ela galeana galga o pico do monte e ele perto parindo músculos está por quase na qualidade de dono das alturas mas ela já sumira de sua retina e ele ganha forças da agonia e acelera sua subida e quando atinge o topo topa com ela à beira da pedra prestes ao olímpico salto mortal que findaria em seu finamento e ele loquiaberto e mudo como uma pedra no meio do caminho ao dar o primo passo até sua alva salvadora vê a sereia arremessar-se às pedras do sopé do monte e só então ouve a música da musa grito lancinante saído da suicida de sonhos e o poeta

após assistir a tudo impávido e pálido como as espumas das ondas rebentando na rocha e arrebatando sua desastronave ele bússola à deriva traduz seu derribamento em tortulento berro e prostra-se opúsculo folheado pelos alados dedos do vento cara a cara com o crepúsculo no cume do ponto

(In: *Babel* nº 2 maio/agosto/2000)

Paulo de Toledo

Areílico é morto pelo filho de Menetes

Areílico é morto pelo filho de Menetes
com a longa haste de bronze cravada na coxa
Menelau percebe o peito nu de Toante
aí o fere cobrindo seus olhos de treva
Ânflico mata Filido destroçando seus ossos
Nestórida derruba Antímnio, que irrita o irmão
e este, Máris, é morto também pela mesma lança
Peneleu, num golpe, de Lico tira a cabeça
Cleóbulo baixou os olhos frente a Ajax
Piracme cai na poeira fixo à lança de Pátroclo
Meríones atinge Acamante com a espada no ombro

Abre-se o fosso no caminho do Hades
um a um os heróis se retiram às sombras
onde não tardarão a encontrar a nova luta
no primoroso verso de um poeta brônzeo

piso exato sobre teu passo

piso exato sobre teu passo
sobre a marca gasta mas rígida
caminhando em um só caminho

que o teu passo fez e o meu refaz

futuro incerto, passado vago
ensaio de cada gesto e cada ato
reflexo do teu rosto imagem minha
pai filho neto espelho infindo

o mesmo texto o mesmo riso
projeto único e compartilhado
sem querer ter sido sou e somos
o tempo se derrama nos cobrindo

nunca No, nunca Em, nunca Na

nunca No, nunca Em, nunca Na
sempre Entre é o que há

nunca Vem, nunca Vê, nunca Está
sempre Foi, Talvez, Será

(De Helenos)

Mauro Faccioni Filho